

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

ARTHUR MACHADO DE ALMEIDA

**O PAPEL DO JORNALISMO SOBRE DOPING NO ESPORTE:
“DESPOSTCAST” - *PODCAST* COM PROFISSIONAIS DAS ÁREAS
DE EDUCAÇÃO FÍSICA, MEDICINA E JORNALISMO**

**VOLTA REDONDA
2020**

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**O PAPEL DO JORNALISMO SOBRE DOPING NO ESPORTE:
“DESPOSTCAST” - *PODCAST* COM PROFISSIONAIS DAS ÁREAS
DE EDUCAÇÃO FÍSICA, MEDICINA E JORNALISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo do UniFOA como requisito para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Aluno:

Arthur Machado de Almeida

Prof. Mestre Douglas Baltazar
Gonçalves

VOLTA REDONDA

2020



Fundação Oswaldo Aranha



FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso Intitulado O Papel Do Jornalismo Sobre Doping No Esporte: “Despostcast” - *Podcast* com Profissionais das Áreas De Educação Física, Medicina e Jornalismo, elaborado por ARTHUR MACHADO DE ALMEIDA, apresentado publicamente, através da plataforma virtual TEAMS **link:** <https://web.microsoftstream.com/video/457abfac-6b6d-4d29-8187-2267a6caee4> **conforme Resolução CONSEPE nº 067** de 24 de agosto de 2020, envio **pelo e-mail Institucional, no ambiente virtual Microsoft Teams**, perante a Banca Avaliadora, como parte dos requisitos para conclusão do curso de Jornalismo.

Aprovado em 17 de novembro de 2020

Banca Avaliadora:

Professor(a) Orientador(a)

Douglas Baltazar Gonçalves, Mestre UniFOA

Professor(a) Avaliador(a)

Angélica Aparecida Silva Arieira, Mestre, UniFOA

Professor(a) Avaliador(a)

Heitor da Luz Silva, Doutor, UniFOA

A todos que me apoiaram e me deram
força, ânimo e coragem para não desistir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, a minha família, aos meus amigos e aos professores pelo apoio, pelo incentivo e pelo conhecimento oferecido para o meu crescimento pessoal e profissional.

RESUMO

O objetivo principal do trabalho é analisar o papel do jornalismo esportivo ao reportar os fatos sobre *doping* no esporte, com atenção na ética e na imparcialidade diante da divulgação dos acontecimentos. O tema *doping* mobiliza os jornais esportivos a reservarem espaço específico na abordagem dos casos. Atento à função social do jornalismo esportivo, o qual influencia a formação de opinião do público, ao profissional do Jornalismo recai a responsabilidade e o cuidado ao reportar os casos suspeitos de *doping* que ainda estão sendo investigados, e também requer do jornalista ampliação de conhecimentos em diferentes setores interligados com o esporte. Nesse sentido, o presente trabalho produziu, como material complementar, um *podcast* chamado “DespostCast” para conhecer as opiniões de profissionais de diferentes áreas (Educação Física, Medicina e Jornalismo) e assim obter mais esclarecimentos sobre os riscos, as causas e outros fatores que envolvem o *doping* no esporte.

Palavras-chave: Doping; Jornalismo Esportivo; *Podcast*; Entrevista; Ética.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	06
2.JORNALISMO: HISTÓRIA E SUA ATUAÇÃO NO ESPORTE.....	08
1.1 Breve Relato sobre Jornalismo e sua origem.....	08
1.2 Jornalismo Brasileiro e a Nova Mídia.....	11
1.3 Jornalismo Esportivo e Entretenimento.....	14
3. UMA BREVE ANÁLISE DA ATUAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE JORNALISMO, MEDICINA E EDUCAÇÃO FÍSICA EM RELAÇÃO AO DOPING.....	16
3.1 Medicina e Doping.....	17
3.2 Educação Física e Doping.....	20
3.3 Jornalismo e Doping.....	23
4. <i>PODCAST</i>: JORNALISMO E DOPING.....	28
4.1 Produção e Pauta.....	28
4.2 Roteiro da Entrevista.....	30
4.3 Edição, Divulgação e Produto final.....	31
5. CONCLUSÃO.....	33
6.REFERÊNCIAS.....	36

1.INTRODUÇÃO

O jornalismo não possui apenas uma função. Por ser um instrumento comunicativo e atual da sociedade, a finalidade do jornalismo não pode ser tratada de forma limitada. Como esclarece Carina Benedeti (2009), o trabalho jornalístico, a depender do público e dos objetivos, tem a capacidade de levar informação para discutir ideias, expor curiosidades, orientar, emocionar, divertir, mobilizar, romper preconceitos, e não somente informar.

Essas finalidades múltiplas do jornalismo estão relacionadas com as maneiras diferentes de abordar as informações. As coberturas jornalísticas podem se enquadrar no formato de notícias, reportagens, jornalismo investigativo e artigos de opinião. Hoje em dia, são variadas também as formas de compartilhamento das informações com o público, como o jornalismo impresso, televisivo, online e multimídia.

Inclusive, os jornalistas possuem uma ampla variedade de atuação no mercado de trabalho, podendo o jornalismo se desdobrar em áreas especializadas de conteúdo, como é o caso do jornalismo cultural, econômico, esportivo, entre outros ramos.

O presente trabalho visa abordar sobre o jornalismo esportivo e seu principal papel frente aos casos de doping.

Embora o jornalismo esportivo esteja relacionado com a área do entretenimento, atuando como noticiário dos destaques das competições esportivas, não se pode afirmar que a função desse jornalismo seja apenas entreter, vez que a atividade jornalística se guia pelo tipo de notícia a ser veiculada.

A depender do assunto principal da notícia, se for considerado um assunto de utilidade pública o papel do jornalista assume responsabilidade peculiar mesmo ele atuando no contexto do esporte, conforme alerta Gisele Pimenta de Oliveira (2011).

Sabe-se que no meio esportivo existe uma parcela de atletas que frente às dificuldades e às preocupações a respeito de sua performance recorrem às substâncias de doping para aumentar seu desempenho esportivo.

E a respeito dessa realidade, pretende-se abordar brevemente no primeiro capítulo da monografia sobre a evolução do jornalismo e seu desdobramento na área especializado do esporte. De material bibliográfico, o trabalho se apoia em artigos científicos e livros especializados no tema.

Além disso, faz parte da proposta e da metodologia desta monografia a produção do *podcast* de entrevistas sobre a pauta “doping no esporte” com profissionais de três áreas diferentes: Educação Física, Medicina e Jornalismo, objetivando assim debater o assunto e conhecer suas opiniões, experiências e esclarecimentos em relação aos riscos, causas e outros fatores que envolvem o uso de doping por atletas profissionais.

2. JORNALISMO: HISTÓRIA E SUA ATUAÇÃO NO ESPORTE

2.1 Breve Relato sobre o Jornalismo e sua Origem

Por origem natural do Jornalismo, o sentimento de medo concentra a base impulsionadora, como bem ressaltado por Felipe Pena em seu livro “1000 perguntas sobre Jornalismo”. Isso porque devido à insegurança que o ser humano sente quando não conhece determinados fatores, fenômenos, acontecimentos, etc. sobre si e sobre o mundo nasce a sua necessidade pela informação. Para se sentir mais seguro e desenvolver uma vida equilibrada, o homem precisa ter conhecimento, e na busca por saberes, o Jornalismo se estrutura (PENA, 2012).

Mas, para fins pragmáticos, não existe uma certeza única sobre a origem do Jornalismo. A história apresenta diferentes perspectivas sobre o surgimento e a evolução do Jornalismo. Do ponto de vista sociocultural, Felipe Pena esclarece que o jornalismo é fruto da comunicação humana, e por isso começou com o homem pré-histórico, que se comunicava com gestos e desenhos (PENA, 2012).

Na sua essência, o jornalismo é uma representação discursiva de factos e ideias da vida do homem, construída para se contar ou mostrar a outrem. Por outras palavras, o jornalismo é uma representação discursiva da vida humana na sua diversidade de vivências e ideias. Assim, pode dizer-se que o jornalismo vai buscar a sua origem mais remota aos tempos imemoriais em que os seres humanos começaram a transmitir informações e novidades e a contar histórias, quer por uma questão de necessidade (nenhuma sociedade, mesmo as mais primitivas, conseguiu sobreviver sem informação), quer por entretenimento, quer ainda para preservação da sua memória para gerações futuras (o que, simbolicamente, assegura a imortalidade). (SOUSA, 2015, p.5).

Através das referências bibliográficas consultadas, percebe-se a incidência histórica de duas fases: pré-jornalismo e jornalismo.

O denominado de pré-jornalismo, conforme explanam os autores Bill Kovach e Tom Rosenstiel, veio a partir dos relatos orais, como ocorria em

Atenas, onde ficavam expostas ao ar livre as informações de interesse público. Os relatos orais são considerados a primeira grande mídia da humanidade. Eram através desses relatos que as notícias se propagavam, a comunicação feita de forma oral trazia e levava notícias (KOVACH; ROSENSTIEL *apud* PENA, 2012).

As crônicas medievais e as folhas volantes são dispositivos característicos do pré-jornalismo, que servem à técnica de relatar fatos e narrar novidades, sendo classificados de cronológico ou diacrônico, modelo utilizado na época para narrar fatos por ordem cronológica (SOUSA, 2015).

Nessa lógica de tempo cronológico, percebe-se que jornalismo e história se conectam, sendo justo correlacionar jornalismo com historiografia, ainda mais em relação com os resumos historiográficos elaborados pelos povos antigos sobre os acontecimentos notáveis da sua vida diária e do que ocorria com no cotidiano dos seus reis, como revela Jorge Pedro Sousa (2015), definindo os documentos como exemplos de dispositivos pré-jornalístico.

O jornalista terá apenas substituído o historiador-cronista na tarefa de elaborar a historiografia do quotidiano. O jornalista actual poderá, eventualmente, preocupar-se mais com a elaboração de uma crónica sobre a multifacetada vida quotidiana, enquanto o historiador actual poderá preocupar-se mais com a estruturação das fases da história e com o esclarecimento das grandes forças e conjunturas que determinaram as causas e consequências dos acontecimentos, mas a historiografia e o jornalismo têm as suas raízes comuns na época em que fazer história se traduzia, essencialmente, por redigir uma espécie de crónica, ou resumo, dos acontecimentos notáveis, para arquivo e memória futura. Aliás, por fazerem história, jornalista e historiador cultivam idênticas qualidades e valores profissionais, como a preocupação pela fidelidade aos factos, a intenção de verdade, etc (SOUSA, 2015, p.20).

Por outro lado, há respaldo de que a origem do jornalismo se encontra na Antiguidade Clássica (século VIII a.C. e o século V d.C) por haver dispositivos de troca regular de notícias, com ascensão na Idade Moderna, devido ao Renascimento, em que houve a aparição da tipografia e expansão da periodicidade da imprensa na Europa (SOUSA, 2015).

Um dos períodos significativos e marcantes da história do Jornalismo é definido pela possibilidade de fazer uso das condições e equipamentos técnicos, como a tipografia (impressão de textos) cujo primeiro livro impresso é do ano de 868 a.C. e como a xilogravura (registro de gravuras em madeira), em que o exemplar impresso mais antigo é datado em 764 a.C no Japão (PENA, 2012).

Com o desenvolvimento industrial e a própria invenção da imprensa, os trabalhos desempenhados por Johann Gensfleisch zum Gutenberg o fez ser considerado um revolucionário do processo de impressão, por ter superado com suas técnicas as desvantagens da impressão xilográfica, que apresentava procedimento mais demorado (SOUSA, 2015).

Gutenberg idealizou, entre cerca de 1444 e 1456, um método tipográfico em que se fazem moldes de letras usando uma mistura resistente de chumbo, estanho e antimônio. Esses moldes são agrupados em caixas, dispostas em pranchas com o tamanho de uma página. As pranchas são cobertas com uma tinta adequada e pressionadas verticalmente sobre papel. A invenção de Gutenberg foi, assim, uma resposta engenhosa às necessidades de assegurar às pessoas, que crescentemente usavam e admiravam o documento escrito, uma maneira de transmitir mensagens escritas fielmente, à distância, para um elevado número de indivíduos e a baixo custo (SOUSA, 2015, p.69).

Logo, com a imprensa sendo periódica a partir dos modelos de industrialização, foi acelerado o desenvolvimento do Jornalismo (PENA, 2012).

Há de ressaltar que os fatores socioculturais contribuem – até hoje - para evolução da comunicação como um todo, vez que o processo de alfabetização e a ampliação do acesso social à cultura e às artes para a população são essenciais (SOUSA, 2015).

Há forte entendimento de que a imprensa deve ser compreendida como o quarto Poder (além dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário), em que a independência deve ser total para que se possa comentar, reportar, criticar

as atividades dos agentes públicos que compõem as instituições, assim defende Jorge Pedro Sousa (2015).

Hoje, o jornalismo ocidental, da qual o Brasil se insere, preza pelo exercício dos princípios da liberdade de expressão e de imprensa, que tem sido ampliado com as interações das “novas mídias”, como abordaremos a seguir.

2.2 Jornalismo Brasileiro e a Nova Mídia

Em pesquisa científica elaborada por José Higino Duarte Pereira, este evidenciou que a implementação da imprensa no território brasileiro foi obra do povo português, mais especificamente com a vinda da Corte de D. João VI em 1808. Desse jeito, para identificar o cenário da imprensa no Brasil, Duarte Pereira divide em três períodos: a fase inicial, que se inicia de 1808 até aproximadamente 1880 (chegada da tipografia e dos primeiros periódicos); a fase de consolidação, entre 1880 até as décadas de 1920 e 1930 (marcada pelo empreendimento mercantil dos jornais); e a fase moderna, a partir da década de 30 com a evolução dos meios gráficos e a melhoria na composição do conteúdo e de sua forma de distribuição (PEREIRA *apud* HOHLFELDT; VALLES, 2008).

Com as ditaduras no Brasil, bem como acontecia em mais países da América Latina no século XX, o modelo jornalístico que vigorava possuía cunho autoritário, ou seja, o controle do Estado influenciava na atividade jornalística em maior ou menor grau. Mesmo havendo possibilidade dos órgãos de comunicação serem dirigidos por empresas privadas, o controle maior das informações veiculadas era do governo ditatorial, que usava a censura como medida para limitar a liberdade de imprensa (SOUSA, 2015).

Nesse sentido, além das três fases do jornalismo brasileiro definidas por José Higino Duarte Pereira que publicou seu estudo no ano de 1964, há a quarta e última fase, defendida por Antônio Hohlfeldt e Rafael Valles (2008), a qual recebeu interferência da Ditadura Militar entre os anos de 1964 até 1985.

E como forma de contestação ao regime da Ditadura, em que a grande imprensa teve que se submeter à censura, surgiu assim a imprensa alternativa, com jornais predominantemente políticos.

A imprensa alternativa surgiu da articulação de duas forças igualmente compulsivas: o desejo das esquerdas de protagonizar as transformações que propunham e a busca, por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa e à universidade. É na dupla oposição ao sistema representado pelo regime militar e às limitações à produção intelectual-jornalística sob o autoritarismo que se encontra o nexo dessa articulação entre jornalistas, intelectuais e ativistas políticos (KUCINSK *apud* HOHLFELDT; VALLES, 2008, p. 78)

É nessa quarta fase do jornalismo brasileiro que a “nova mídia” se projeta em proveito da expansão do acesso à internet pela população, onde faz parte o “webjornalismo”, em que as empresas de comunicação precisam se reformular para se enquadrarem na forma interativa de criação, fornecimento e difusão de informações levando em consideração as tendências do mundo “online”(HOHLFELDT; VALLES, 2008).

No meio jornalístico as mudanças atingiram tanto o aspecto operacional quanto a interação dos jornalistas com o sistema de comunicação eletrônica pelas redes. Com os avanços da tecnologia, o comportamento da sociedade em geral mudou, o que fez criar e moldar novos hábitos de consumo, inclusive, o consumo da informação através dos canais de comunicação na internet. Conseqüentemente, esses fatores requereram dos profissionais de Jornalismo adaptação aos desafios inerentes da profissão (CHRISTOFOLETTI, 2008).

A chamada quarta e última fase do jornalismo pouco influencia no surgimento de novos periódicos. A maioria dos veículos de comunicação, oriunda de períodos anteriores, mantém suas estruturas, ao longo do século XX necessita se adaptar urgentemente ao acelerado desenvolvimento das tecnologias de comunicação e da informação. (HOHLFELDT; VALLES, 2008, p. 80)

A nova era da comunicação se opõe à “velha mídia”, como destaca Caio Tulio Costa (2009). Nesse sentido, fica superada a ideia do que é o novo por Lev Manovich,(*apud* COSTA, 2009) pois essa nova fase da comunicação não

se limita ao que é somente transmitido via computador. A “nova mídia” equipara-se à ideia da “mídia digital”, tratando-se dos meios de comunicação em plena interação com os equipamentos avançados da tecnologia. Estão inseridos dentro do conceito de comunicação multimídia, em que os celulares compõem a frente dos aparelhos utilizados para acessar e distribuir informações.

A nova mídia se refere aos meios que lidam com a linguagem, a informação, o entretenimento e os serviços disponíveis mediante artefatos tecnologicamente avançados em relação aos suportes conhecidos – como o papel, o rádio por ondas eletromagnéticas e o bulbo clássico do aparelho de televisão. Ou seja, tudo aquilo capaz de transformar a comunicação onipresente, pervasiva. É a comunicação multimídia (...) A expressão nova mídia não se refere apenas a uma nova maneira de gerar e veicular informação e uma nova interlocução com o público que a consome. Ela abarca inclusive a “velha mídia”, uma vez que as novas maneiras de fazer e distribuir informação se imiscuíram nas práticas daqueles que veiculam seus conteúdos em suportes tradicionais, incorporando-as, trazendo para si os novos preceitos e uma nova forma de relacionamento com a informação e com o público – interativa, participativa (COSTA, 2009, p. 16).

Com esse desenvolvimento, a comunicação alcança cada vez mais um número maior de pessoas. A inovação tecnológica possibilita a interação e a participação do receptor da mensagem. Essa participação pode ser, por vezes, positiva na medida que estimula o pensamento crítico e gera consciência cidadã, e em outras vezes com impacto negativo, tendo a capacidade de interferir nos fatos, criando e compartilhando conteúdos falsos (“fakenews”) que causam prejuízos individuais e coletivos, inclusive, afetam a confiança pública do trabalho jornalístico, como ressaltado por Marco Antônio Roxo e Seane Melo (2018).

A ideia de atualidade no jornalismo está inserida em um lapso temporal tido como elástico, ou seja, o tempo não para de se movimentar e estende, surgindo novas versões e novidades dos fatos, o que faz a produção de notícias ser refeita constantemente. Aquilo que é atual agora pode não ser mais em um curto intervalo de tempo. E a nova mídia conectada à internet é o grande fator que contribui para que esse fenômeno temporal seja cada mais dinâmico (BASILE, 2009).

As mudanças advindas das “novas mídias” assim atingem por completo o Jornalismo, fazendo a comunicação ser cada vez mais onipresente em todas as suas ramificações, inclusive, no jornalismo esportivo.

2.3 Jornalismo Esportivo e Entretenimento

O jornalismo esportivo representa a produção e a circulação de notícias que acontecem em relação ao esporte. O conceito abrange basicamente tudo que está condizente ao esporte e suas variações de entretenimento, como curiosidades sobre modalidades esportivas e comportamentos públicos dos atletas, tendo como característica principal a singularidade do seu público-alvo, que são pessoas que mantêm ativa a paixão pelo mundo do esporte. (PENA, 2012).

Como um dos objetivos centrais do jornalismo esporte é entreter seu público apaixonado por esportes, enxerga-se na cobertura esportiva uma combinação de entretenimento e jornalismo (OLIVEIRA, 2011).

Sobre essa junção e o dilema que se apresenta sobre considerar as coberturas esportivas em um “entretenimento disfarçado de jornalismo” ou em um “jornalismo de entretenimento”, a pesquisadora Gisele Pimenta de Oliveira (2011) posiciona-se sobre o assunto esclarecendo que, de fato, o jornalismo esportivo entretém seu público mais que notícias sobre política, saúde, economia, todavia, proporcionar diversão não é a única função do jornalismo esportivo, que também zela por informar corretamente o que está acontecendo no mundo esportivo, por isso, o enquadra dentro da categoria de “jornalismo de entretenimento”.

Em relação ao público-alvo do jornalismo esportivo, o autor Kunczik (2002 *apud* OLIVEIRA, 2011) menciona que a “ausência de entretenimento dos meios de comunicação não é o conhecimento informativo, mas o conteúdo que não lhes agrada”. Isto é, as pessoas interessadas pelas notícias esportivas querem não somente ficar bem informadas, mas também consumir o conteúdo como lazer, e assim o conteúdo produzido precisa de certa forma agradar.

Mesmo havendo relação entre o jornalismo esportivo e o entretenimento, essa correlação não anula a prática jornalística no trato da informação, como destaca Sérgio Gadini que afirma que a editoria esportiva não se diminui por carregar também um grau de entretenimento:

Trata-se, portanto, de compreender que, se por um lado, o entretenimento também integra a lógica noticiosa, por outro, ao priorizá-lo – em detrimento de outras expressões de sentido presentes numa determinada produção simbólica –, o jornalismo cultural acaba por se tornar prioritariamente um mecanismo de espetacularização. Essa análise, entretanto, não autoriza a pensar o viés do entretenimento como se o mesmo fosse, sempre e unicamente, prejudicial à produção jornalística contemporânea. O problema estaria na centralidade do entretenimento, com simultâneo apagamento” dos demais aspectos de uma determinada expressão cultural. Não se trata, ressalta-se, de “desqualificar” a informação voltada ao entretenimento, mas de compreender que essa gradual redução (simplificada) da abordagem cultural, ao mesmo tempo em que entende o leitor apenas como consumidor, tende a restringir o potencial criativo e de expressão (reflexão/projeção) que também perpassa as produções jornalísticas e o campo cultural (GADINI, 2007 *apud* OLIVEIRA, 2011).

Uma das habilidades imprescindíveis que o jornalista esportivo precisa desenvolver é a narração de história cumulada com a postura de curiosidade. Isso implica que o jornalista aprofunde seus estudos e pesquisas sobre os assuntos conexos à área esportiva, como regulamento das competições, história do esporte, os principais jogadores, etc. Além de conhecer determinadas modalidades esportivas torna-se relevante manter o bom relacionamento dos jornalistas com os atletas (PENA, 2012).

Nessa união do jornalismo com o entretenimento, Gisele Oliveira (2011) observa que as notícias consideradas “duras”, mais sérias, ocorrem constantemente nas outras áreas do jornalismo, como o jornalismo de cunho político e econômico. O jornalismo esportivo aborda, regularmente, as notícias brandas, mais leves, o que requer do jornalista o uso de linguagem simples e direta. No entanto, em determinadas ocasiões, o jornalismo esportivo poderá também cobrir casos sérios de impacto e responsabilidade social, como são os casos de uso de doping, tratado no capítulo seguinte.

3.UMA BREVE ANÁLISE DA ATUAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE JORNALISMO, MEDICINA E EDUCAÇÃO FÍSICA EM RELAÇÃO AO DOPING.

Importante ressaltar que o uso de *doping* não é uma prática que começou recentemente, vem dos primórdios das disputas esportivas. Inclusive, nos jogos Olímpicos, na Antiga Grécia, onde se tinha corridas por longas distâncias, os atletas ingeriam cogumelos, os quais possuíam efeitos estimulantes (NETO, 2001).

Os relatos históricos mostram que o uso de substâncias ergogênicas tem início a mais de 3 mil anos na antiga Grécia, em 300 a.C. nos Jogos Olímpicos antigos, os corredores de longa distância usavam uma cocção de plantas que tinha como principal produto um alucinógeno extraído de cogumelos. Na Europa do século XVI surgem drogas com cafeína e esse é o ponto inicial da dopagem entre os povos mais civilizados e entre os atletas. Em 1886, já com o uso indiscriminado de estimulantes pelos atletas, acontece a Corrida dos 600 km entre Bordeaux e Paris e nela se tem a primeira notícia de morte em atleta por uso de estimulantes (doping): Morre o ciclista inglês Linton, que usou uma mistura de cocaína com nitroglicerina (NERY, 2009).

Para abordar com precisão as pautas ligadas ao esporte, os profissionais de jornalismo precisam ter acesso e conhecer outras áreas do saber, como a educação física, fisiologia, nutrição, psicologia, medicina, administração, entre outras disciplinas que estejam correlacionadas com o fato a ser noticiado, pois, desse modo, o jornalista age com mais liberdade e segurança para aprofundar os assuntos ou reportar determinados desdobramentos do caso esportivo (CARDOSO, 2016).

Ainda que a linguagem do jornalismo esportivo tenha como características a simplicidade e o discurso direto (PENA, 2012), essas particularidades não diminuem o dever de atenção e preparação que se requer do jornalista na busca por informações específicas sobre determinado tema técnico, como a pauta: doping na área esportiva.

Dessa forma, no desenvolvimento deste trabalho foram promovidas entrevistas com profissionais da educação física (Helton de Sá Souza), da fisioterapia (Rodrigo Peixoto dos Santos) e do jornalismo (Bruno Reis e Virgilio Neto) a fim de conversar sobre suas experiências e conhecimentos sobre as causas, os perigos do uso de doping, bem como as particularidades sobre o tratamento e a aplicação da substância nos atletas.

Conforme previsto na Portaria nº 531, de 10 de julho de 1985 do Ministério da educação, “o *doping* é caracterizado como substância, agente ou meio capaz de alterar o desempenho de um atleta em uma competição esportiva.”

Em sede de definição, pode-se inferir de forma geral que o *doping* é a substância química ou farmacológica, meio artificial e métodos proibidos, utilizados e/ou administrados para alterar a capacidade fisiológica e a performance do atleta, com o objetivo de obter vantagem ilícita e antiética sobre os concorrentes, com o fim lógico de vencer competições e quebrar recordes, auferindo de prestígio e vantagens morais e materiais decorrentes das práticas esportivas que não alcançaria de forma natural, em prejuízo do esporte, de outros esportistas e comprometimento da própria saúde (CARDOSO, 2016, p.10).

Como ressalta Eduardo Henrique de Rose, a causa principal do uso de dopagem está na insegurança do ser humano de sentir-se incapaz de aceitar suas próprias limitações físicas e mentais, buscando dessa maneira fórmulas mágicas e alternativas para superar suas qualidades naturais (ROSE, 1989, p. 88 *apud* CARDOSO, 2016).

3.1 Medicina e Doping

É indiscutível a contribuição da ciência (medicina, psicologia, fisioterapia, entre outras atividades científicas) na saúde física e mental dos atletas, inclusive, é através da ciência que se trata e diminui o risco de lesões. Mas, por outro lado, considerando que a ciência auxilia no rendimento dos atletas, certos atletas por motivos diversos como o desejo a todo custo de conquistar

resultados positivos nas competições esportivas, recorrem à ciência para utilizarem substâncias químicas proibidas, consideradas dopantes (MALULY, 2005).

A literatura científica mostra que o fenômeno do doping nos esportes é complexo e multifacetado, pois envolve várias causas e fatores que não se originam apenas no campo atlético/desportivo, mas que têm na universalidade sua característica principal. Na realidade, o fenômeno é observado em todas as idades e todos os níveis de competição, sendo do interesse de todas as áreas esportivas. (DIEHL; CORDEIRO; LARANJEIRA, et. al., 2010)

Conforme estudos e pesquisas da medicina, o uso de doping gera reações adversas na saúde, causando muitas vezes efeito colateral não controlável e podendo, inclusive, levar à morte, como averiguou Méri Rosane Santos da Silva em sua publicação na Revista Brasileira de Ciência do Esporte (SILVA *apud* CARDOSO, 2016).

As formas química, física, psicológica e biológica são os meios mais comuns de doping. Contudo, em análises recentes os sociólogos do esporte apontaram outro tipo chamado “doping financeiro”. Mas, dentre todas modalidades, o mais costumeiro é o “doping químico”, que varia em: estimulante, analgésico narcótico, esteroide anabólico, bloqueador e diurético (DOUGLAS, 2006).

Interessante destacar que nas primeiras edições dos Jogos Olímpicos, o uso de doping ainda não era considerado um ato ilegal, vez que raramente os atletas utilizavam substâncias dopantes, e segundo Tavares (2002), uma das misturas dopantes mais usadas pelos atletas era um coquetel com cocaína, cafeína e estricnina.

Com o tempo, a prática de doping se disseminou entre os atletas amadores e profissionais. Em 1960, nas Olimpíadas de Roma, aconteceu o caso fatal de *doping* que culminou na morte do ciclista Knut Enemark Jensen, de 23 anos, durante a competição esportiva. O treinador de Jensen, dias após a tragédia, confessou que havia dado ao atleta uma dose de Ronicol, substância que ativa a circulação sanguínea. (CARDOSO, 2016)

Depois desse caso drástico, o Comitê Olímpico Internacional (COI) institucionalizou o controle *antidoping* nas Olimpíadas. Com a realização de controle médico em 1968, as primeiras detecções começaram a ocorrer, e assim notou-se o uso de anfetaminas pelos atletas, e depois da Segunda Guerra Mundial, de esteróides anabólicos (DEROSE, *op.cit.* TAVERES, 2002).

O primeiro atleta olímpico a ter um teste positivo de doping foi o penta-atleta sueco Hans-Gunnar Liljenwall, nas Olimpíadas de 1968, que perdeu sua medalha de bronze por uso de álcool. Vinte anos depois (talvez o caso de doping de maior publicidade da história dos jogos olímpicos), o corredor canadense Ben Johnson, que ganhou os 100m rasos nas Olimpíadas de Seul, em 1988, foi desqualificado por teste positivo de esteroides anabolizantes. (DIEHL; CORDEIRO; LARANJEIRA, et. al., 2010)

Sobre a função do controle antidoping, o entrevistado Rodrigo Peixoto dos Santos (2020) esclareceu o seguinte: “A função do antidoping é buscar substancias ilícitas que melhoram a performance do atleta, onde o teste é feito para identificar partículas de algumas dessas substâncias que possam interferir no rendimento”.

Das substancias mais comuns identificadas no controle antidoping, estão as relacionadas com a testosterona, “que é o hormônio que faz o reparo tecidual (...) que no final das contas vão estar funcionando como estímulo para reparo mais acelerado no organismo”, conforme indicado na entrevista pelo profissional de fisioterapia.

De modo geral, os testes de averiguação de drogas no corpo humano ocorrem por meio de análises técnicas ou procedimentos laboratoriais de amostras de urina, sangue, sêmen, suor, meconio, fio de cabelo ou fluidos orais, como explicado por Alessandra Diehl, Daniel Cordeiro e Ronaldo Laranjeira (2010), destacando que os testes são utilizados para “determinar, de forma objetiva, a presença ou a ausência de drogas específicas ou de uma combinação delas ou, ainda, de seus traços metabólicos”.

No *podcast*, o entrevistado Rodrigo Peixoto dos Santos (2020) esclarece como é feito o teste de urina: “o laboratório identifica e divide uma partícula por

bilhão, e quando são encontrados, geralmente no dia do teste são três frascos, dois para exame e um para contraprova, onde ficam armazenados se necessário for”.

Ao sair o resultado positivo de alguma substância proibida pela Agência Mundial de Antidoping, Rodrigo (2020) informa que o processo de comunicação desse exame é por meio de boletim informativo, em que o clube fica notificado e o atleta suspenso em um primeiro momento, podendo ele pedir a contraprova.

E quando questionado sobre o momento de defesa do atleta e a quem compete a decisão final de constatação de doping após realização do exame de contraprova, Rodrigo dos Santos expôs o seguinte:

A função do laboratório ao encontrar a substancia é informar primeiro a entidade que promove o campeonato, após isso a própria entidade informa o clube que foi encontrado a substancia ilícita e suspende temporariamente para análise de contraprova, mesmo que a contraprova vá contra ou a favor da prova, pode ainda ter um julgamento onde o clube apresenta as defesas para justificar as possíveis causas daquela contaminação que só posteriormente a isso que se bate o martelo no tempo previsto de cada substancia. (DOS SANTOS, 2020)

Confome Luciano Maluly (2006) é com o resultado do exame antidoping feito por especialista que a entidade, seja ela a Federação ou um Comitê executivo de competições esportivas, publica o laudo oficial, acusando o atleta e punindo-o conforme o código disciplinar em que a entidade se baseia. O atleta é colocado na situação de réu e tem direito de apresentar sua defesa e prova, quando posteriormente será julgado, sendo ele condenado ou absolvido.

3.2 Educação Física e Doping

Apesar da existência do sistema antidoping, dos riscos à saúde comprovados pela ciência, a aplicação e consumo de substâncias dopantes pelos atletas estão longes de serem erradicados no país e no mundo (CARDOSO, 2016).

Aliás, nos bastidores do mercado esportivo verifica-se que existem estratégias para “burlar” as testagens de antidoping, vez que são baixos os números de testes positivos, como constatado pela FIFA em 2006 entre os 200 mil jogadores de futebol que realizaram os exames somente 1,96% geraram resultados positivos (DIEHL, CORDEIRO, LARANJEIRA, 2010).

A WADA (World Anti-Doping Agency) é a entidade que estabelece a lista internacional das drogas proibidas. Nessa lista estão as substâncias: anabólicos, hormônios e diuréticos. E dentre os métodos proibidos estão a transferência de oxigênio e doping genético. Entretanto, conforme destacado por José Augusto Cardoso (2016), para determinadas modalidades esportivas há uma relação de substâncias específicas que são vetadas, como os beta-bloqueadores para a ginástica e os estimulantes em algumas competições.

No Brasil, é de competência do Conselho Nacional do Esporte (CNE) criar e regulamentar o controle antidoping, conforme expressa a Resolução CNE nº 2, de 5 de maio de 2004 que “Institui normas básicas de controle da dopagem nas partidas, provas ou equivalentes do desporto de rendimento de prática profissional e não-profissional”. Assim, anualmente, a lista de substâncias e métodos proibidos é editada e atualizada pelo CNE por meio de uma nova resolução (CARDOSO, 2016).

Como exposto anteriormente, o uso de doping na área esportiva está associado ao desejo impulsivo dos atletas pela vitória, pela conquista de fama e de dinheiro.

Por isso, o problema do doping entre os atletas é um fenômeno que envolve várias causas e fatores, independente das idades, dos níveis de competição e da modalidade esportiva, como opinam Alessandra Diehl, Daniel Cordeiro, Ronaldo Laranjeira (2010) e, do mesmo modo, relatou o profissional de Educação Física Helton de Sá Souza (2020) durante a entrevista para o *Podcast*:

(...) a gente precisa pensar no doping como um algo muito mais complexo como simplesmente uma escolha do atleta pelo uso da substância, onde por vezes essa escolha de fato pode ser do atleta

mas na grande maioria dos casos o doping não é escolha do atleta exclusivamente, onde tem um apoio dos fisiologistas, dos médicos, da comissão técnica como um todo e o atleta na verdade é só a ponta desse processo, claro que dependendo da situação o atleta pode escolher fazer as intervenções sem que os seus treinadores saibam do processo, mas não é o mais trivial não (SOUZA, 2020).

Nesse sentido, Helton de Sá Souza (2020) defende que a melhor maneira que os atletas podem evitar o doping é “melhorar o processo de preparação de controle das cargas de treinamento desse sujeito” por mais que continuará existindo demais fatores econômicos e culturais que influenciarão no seu processo de treino.

A preparação desportiva, então, é apontada como a mais adequada medida para o desempenho e a performance sadia do atleta em competições, porém requer uma avaliação ampla do atleta nas questões físicas, biológicas, técnicas, táticas, psicológica, familiar e social (BORIN; GOMES; LEITE, 2007).

O educador físico Helton de Sá Souza (2020) expõe que a preparação de um atleta de alto nível é um processo complexo. O atleta de alto nível treina de forma regular e compromissada para melhorar o seu desempenho, visando participar de competições de níveis nacionais e internacionais.

Logo, a depender da modalidade esportiva, o processo de preparação desses atletas possui variações, porém, não deixa de ser completo como destacado por Helton de Sá Souza (2020), pois:

(...) envolve o desenvolvimento de capacidade bimotores, capacidades físicas que envolvem capacidades coordenativas, que envolvem o desenvolvimento da capacidade cognitiva, também independente do tipo de modalidade é preciso pensar no desenvolvimento da técnica da modalidade de forma geral e específica além da tática individual e da tática coletiva, podendo acontecer em ambas (individual quanto coletiva), podendo fazer parte do processo de preparação ao longo dos anos sobre uma ótica pedagógica do processo de treinamento a equipe de preparação física normalmente compõe essas estruturas de forma a permitir o desenvolvimento do atleta em sua integralidade (SOUZA, 2020).

No processo de preparação dos atletas de alto nível existem três pontos de controle: o estado do atleta (condicionamento físico), o efeito do treinamento

e a carga do treinamento. Todos esses tipos de controle atuam de forma interdependente e exigem acompanhamento de profissional de educação física (BORIN; GOMES; LEITE, 2007).

Ao ser perguntado sobre casos famosos de doping no esporte, o entrevistado para o *Podcast Helton de Sá Souza* (2020) cita o caso do ex-ciclista americano Lance Armstrong, que durante anos, de 1999 a 2005, tornou-se campeão de umas das principais competições de ciclismo mundial (Tour de France), e costumava a negar todas as acusações de dopagem contra ele, contudo, detectaram que o atleta utilizava substâncias dopantes como ectoproteína, testosterona e também usava o chamado “doping sanguíneo” e cortisona, razão pela qual Lance foi banido das competições esportivas e, tempo depois, descobriu um câncer nos testículos. Por fim, o atleta confessou em 2013 que usava substância proibidas para melhorar seu desempenho.

Sabendo que os controles antidoping nacional e internacional têm muito que avançar nas suas práticas de detecção das substâncias proibidas, como opinam Cardoso (2016), Maluly (2005), foi questionado ao entrevistado Helton sobre o papel do profissional de educação física no processo de antidoping, todavia, informou que de maneira direta esse profissional não participa, ficando mais envolvido nos trabalhos de planejamento e preparação do atleta.

2.3 Jornalismo Esportivo e Doping

Quando o assunto é *doping*, a cobertura jornalística lida com um grave e polêmico problema social, não apenas vinculado à área esportiva, vez que se trata de tema relacionado à saúde pública. Além do mais, o uso de dopagem no meio esportivo é proibido com base nos argumentos de prática imoral e ilegal (TAVARES, 2002)

Há muito se discute as várias facetas da dopagem ou *doping*, sobretudo quando as notícias se referem aos esportes de alto rendimento, que envolvem muitas vezes atletas de alta performance, verdadeiros ídolos que são flagrados nos exames *antidoping*, ou ainda quando se trata de ex-atletas que não raras vezes vêm a

público, quer em entrevistas ou mesmo em suas biografias e outras memórias, e declaram que faziam uso dessa prática que, ao mesmo tempo, é ilegal, antiética e extremamente prejudicial à saúde (CARDOSO, 2016, p.2).

A dinâmica que recai sobre o uso de doping nas competições esportivas prevê uma disputa extra campo, ou seja, entre os especialistas da saúde e os atletas intencionados em utilizar as substâncias para melhorar sua performance. De um lado, a ciência foi inovando com aperfeiçoamentos tecnológicos no sistema de identificação do uso de dopagem, e do outro lado, os atletas foram buscando “escapatória” em outras substâncias ilícitas para as quais o laboratório ainda não está bem preparado para detectar (NETO, 2001).

Nesse contexto, Luciano Maluly (2006) enfatiza que o jornalismo esportivo ao abordar os casos de doping deve estruturar a reportagem de maneira ampla, com a seriedade que se requer, reportando todas as facetas conhecidas dos fatos, mas sem induzir julgamentos prévios ao atleta que está sendo acusado por uma denúncia (MALULY, 2006).

Sobre a cobertura jornalística nesses casos específicos de doping, foi perguntado para os dois profissionais de Jornalismo entrevistados no *Podcast*, Bruno Reis e Virgílio Neto, se eles consideram que falta preparo e cautela de alguns jornalistas ao reportarem os fatos de forma incompleta.

Para Virgílio Neto (2020), a falta de cuidado e de empenho investigativo pelos jornalistas era uma prática comum antigamente, em que os profissionais não tinham acesso pleno às informações, como o conhecimento das instâncias da Justiça Desportiva. Atualmente, ele nota que o jornalista está mais ciente e consciente das suas responsabilidades e atribuições: “hoje eu percebo que os jornalistas vão mais preparados sobre essas questões da instância jurídica e também se é recorrente ou não o atleta usar a substância da dopagem”.

O jornalista Bruno Reis (2020) revelou durante a entrevista no *podcast* que nunca viu uma cobertura jornalística sensacionalista a ponto de prejudicar a carreira de um atleta que está sendo acusado de doping. Ainda alertou que no Brasil existem duas instâncias judiciais que julgam os casos de doping, o

Tribunal de Justiça Desportiva (TJD) e o Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD): “infelizmente se o atleta foi testado e foi considerado doping devido às substâncias que ele usou ele é afastado de uma maneira que ele ficará na mão da lei”.

Considerar um atleta culpado por um afastamento quem tem que considerar é a Justiça Desportiva, onde a função da imprensa é informar aquilo que se passa, onde fazer esse pré-julgamento em cima daquilo que não foi concretizado não cabe à imprensa. Normalmente em alguns casos se divulga em casos de atletas que ficaram sem disputar uma Olimpíada por causa de substância proibida, jogadores como o caso do Guerrero no Flamengo, foi pego no jogo da seleção Peruana e foi acusado e a imprensa noticia os resultados. Agora considerar um atleta culpado, de certa forma massacrar o atleta não é uma função da imprensa, onde os que eu acompanho não é tão assim não, até porque se tem um ser-humano do outro lado, que apesar do vacilo, mesmo assim temos que respeitar [sic] (REIS, 2020).

Expõe de forma clara Bruno Reis (2020) que não cabe ao jornalista julgar na reportagem. Já Virgilio Neto (2020) revela que dependendo do enfoque atribuído na matéria jornalística, o texto pode favorecer o público a enxergar o atleta que está sob investigação de doping como culpado.

Tem que tomar muito cuidado, então tem que ter uma investigação muito afundo sobre o caso, pesquisa telefonema, pesquisa com as entidades responsáveis com as pessoas chaves da matéria, o atleta, treinador, o técnico, responsáveis pelo clube e a delegação médica, tem que ouvir todos os lados. E então enquanto estiver investigado não tem nada julgado e o atleta não foi absorvido nem tampouco condenado (...) não desinformar o público, no qual o objetivo é informar o público, então ainda que acontece a investigação ele está sendo investigado, há suspeita, isso pode ser corroborado e também refutado. E então todo cuidado é pouco. É preciso saber muito o que está escrevendo e também o que está falando para não desinformar, e não é esse o objetivo do jornalista [sic] (NETO, 2020).

Nos dias de hoje, o interesse econômico de patrocinadores e dos atletas influencia a ponto de ser a motivação para o cometimento de certos abusos, como foi ressaltado no tópico anterior em que o uso de doping sofre influência de diversos aspectos e um deles é o lado econômico.

Por isso, é importante trazer todos os contornos que envolvem o caso, como o interesse econômico, as expectativas do público, entre outros fatores,

que fazem o jornalista assumir um papel de mediador ao buscar informações com diferentes especialistas para comunicar para a audiência:

Ao ser um instrumento de mediação e facilitar trocas de conhecimento o jornalista especializado tem diante de si um vasto campo de múltiplas faces. Verificamos na imprensa, porém, abordagens do esporte cada vez mais relacionadas a competições de alto rendimento, aos megaeventos e suas imagens espetaculares. O esporte é pautado na TV, no meio impresso, no rádio e nos veículos de comunicação que utilizam o ambiente digital segundo critérios ligados à audiência, ao apelo popular ou vínculos com o marketing e que tratam o jornalismo com superficialidade e sinônimo de ufanismo ou de entretenimento como observaram Bueno (2005), Camargo (2005) e Maluly (2010), e deixam uma "sensação de vazio de informação jornalística, de apuração e da boa pauta" (CARDOSO, 2016, p.3).

É papel da imprensa procurar pessoas que realmente tenham formação específica para esclarecer a população. Levar profissionais gabaritados e dar um espaço maior na mídia para que essas pessoas possam orientar a população sobre todos os riscos e eventuais benefícios que elas procuram é cumprir com um dever ético.

Nesse intuito, foi perguntado aos jornalistas entrevistados quais as precauções e as importâncias que eles consideram quando vão abordar no seu trabalho sobre atividades físicas e sua relação com métodos e substâncias que trazem benefícios e riscos à saúde.

Virgilio Neto (2020) lembra que o esporte contribui muito para a formação da sociedade, principalmente na vida das crianças e dos jovens que veem os atletas como referências para serem seguidas. Ao mesmo tempo, o entrevistado chama a atenção para a contradição do doping com o mérito dos atletas, o que gera também a falta de credibilidade. Credibilidade que as competições esportivas, segundo ele, estão perdendo diante dos diversos casos de doping descobertos:

(...) o esporte ele é a meritocracia, um setor muito meritocrático, então a partir do momento que o atleta usa uma substancia proibida, ele quebra essa cadeia da meritocracia, ele não é o melhor, ele ta lá porque usou uma substancia que não é permitida e faz com que ele tenha um desempenho melhor e o coloca em um nível competitivo que os outros não tem, porque ele teve acesso a uma substancia que os outros não tiveram, então isso quebra a relação de confiança do

público com o esporte, porque eu vou querer acompanhar um esporte se todo mundo pode se dopar e quem é o melhor não vence, vence quem está mais dopado, é preciso tomar muito cuidado com isso. O Tour de France nos anos 2000 caiu muito a credibilidade porque o doping era constante, onde teve um ano que o campeão estava dopado e o segundo, terceiro e quarto também estavam dopados, onde o quinto foi proclamado o campeão [sic]. (NETO, 2020).

Já Bruno Reis (2020) destaca que ao reportar casos complexos é preciso buscar informações com especialistas de áreas específicas. Essa tarefa define a responsabilidade do jornalista que tem o dever de expor as opiniões dos especialistas da forma mais clara possível:

(...) essa é a função da imprensa, informar com responsabilidade, porque você recebeu a informação e de repente coloca-la numa maneira que não corresponde a que os profissionais falaram, de repente supor algo que não venha ao encontro com a verdade isso não é jornalismo. A gente relata os fatos e os acontecimentos que existem na sociedade mas empregar com responsabilidade pelo que fala, as matérias que se escreve, porque mexemos com a vida das pessoas, ainda mais quando se trata de algo tão sério que é doping. É algo que tem que tomar cuidado porque carece de muita apuração e o que de fato aconteceu antes de colocar no ar ou levar à tona para algum site ou algum veículo impresso que for, onde a imprensa é importantíssima na sociedade para levar informação do que tudo que acontece para as pessoas. Para a população, só tem que ter responsabilidade naquilo de divulga ou sobre aquilo que fala e buscar a legítima informação com pessoas que tem conhecimento sobre determinado tipo de assunto que ela for falar. (REIS, 2020).

Ao jornalista esportivo que possui o ofício de cobrir casos de doping recai uma função social, que vai além da tarefa de informar os acontecimentos e versões do caso, sobretudo, é importante que esteja presente nas páginas esportivas os riscos do doping, os efeitos colaterais e o perigo letal para a saúde dos atletas e dos cidadãos, que é a realização de um compromisso profissional permeado pela ética junto ao jornalismo científico (MALULY, 2005).

4. PODCAST: JORNALISMO E DOPING

4.1 Produção e Pauta

O *podcast* se tornou um fenômeno de comunicação que se popularizou nos últimos anos. Em 2004, iniciou-se o desenvolvimento dessa tecnologia quando o DJ de MTV Adam Curry e Dave Winer criaram um programa que permitia descarregar de modo automático transmissões de rádio na Internet diretamente para os seus iPods.

O podcasting (combinação da palavra iPod e broadcasting) é um modo de difusão de emissões de rádio. Através de subscrição de um “feed RSS”, e com a ajuda de um programa específico, pode-se descarregar automaticamente para o computador ou o iPod as 89 emissões de rádio previamente selecionadas e de seguida transferidas para um leitor de ficheiros MP3 e serem ouvidas onde e quando o utilizador pretender. De facto, o que faz do podcast uma ferramenta atraente é a possibilidade que o ouvinte tem de subscrever os podcasts que lhe interessam usando um agregador RSS (Real Simple Syndication) que lhe garante automática a atualização dos podcasts para o PC ou leitor portátil (MOURA; CARVALHO, 2006, p. 89).

Além de ser mais uma fonte de informação complementar para este trabalho científico, a ideia de produzir um *podcast* específico sobre a pauta “jornalismo e doping” tem grande importância como instrumento educativo e social aliado com as novas tecnologias.

Hoje o *podcast* é um programa de áudio acessível a toda sociedade que está conectada à internet, além de ser uma ferramenta de utilização pedagógica na educação que já apresenta resultados positivos no ensino-aprendizado de alunos, conforme estudo avaliado pelas pesquisadoras Adelina Moura e Ana Amélia Carvalho (2006).

Nessa era em que a informação está cada vez mais veloz, o *podcast* está sendo uma ferramenta que reformula como se ensina e aprende. Depois do sucesso do *podcast*, a Apple permite que as universidades compartilhem as

aulas dos professores na sua plataforma iTunes. Essa tecnologia traz a vantagem de aproximar a relação dos professores com os alunos, gerindo e economizando tempo (MOURA; CARVALHO, 2006).

Neste presente trabalho, o uso da tecnologia do *podcast* permitiu a criação do “DespostCast”. O nome do programa de áudio remete a união de “desporto” (setor de esporte) com o termo *podcast*. E em relação à referência profissional para gravar esses áudios, o entrevistador espelhou-se no trabalho da Renata Lo Prete do G1.

Com o “DespostCast” foram realizadas entrevistas com quatro profissionais. São eles: Rodrigo Peixoto dos Santos da área de medicina, mestrando em Biomecânica, especialista em treinamento esportivo e reabilitação cardiovascular; Helton de Sá Souza da área de Educação Física, mestre e doutor em ciências, especialista em psicobiologia do exercício; e Bruno Reis, assessor de imprensa e mídias sociais e Virgilio Neto, radialista e mestre em gestão de esporte, da área de Jornalismo Esportivo.

Com as opiniões dos profissionais a respeito dos riscos e das consequências sobre o uso do doping por atletas em competições esportivas foi utilizado como caso concreto principal de análise o do ex-ciclista americano Lance Armstrong.

Lance Edward Gunderson nasceu no dia 18 de setembro de 1971, em Plano, Texas, Estados Unidos. Iniciou sua trajetória esportiva nas competições de natação. Posteriormente, Lance treinava e competia pela equipe de atletismo de onde estudava, sempre com grandes resultados. Todo esse treino durante seu período de desenvolvimento lhe deu uma habilidade aeróbica significativa. (GARCIA, 2001)

No início dos anos 1990, com sua adesão e evolução no ciclismo, Lance decidiu deixar o triatlo e passou a se dedicar inteiramente à carreira como ciclista profissional. No ano de 1992, Armstrong foi contratado e passou a defender a equipe de ciclismo da Motorola. Em 1996, foi descoberto em Lance um câncer nos testículos em estágio evolutivo, onde depois de um tempo veio

a se espalhar pelo abdômen e cérebro e com chances tidas como baixas de sobrevivência, percentual em torno de 40% (GARCIA, 2001).

O ciclista ficou famoso por ter vencido o Tour de France por sete vezes consecutivas — um recorde absoluto nessa prova — entre 1999 e 2005. Todavia, em 2012, alguns anos após encerrar sua carreira esportiva, perdeu todos os títulos obtidos depois de 1998 e foi banido do ciclismo competitivo pela União Ciclística Internacional, em razão do uso de dopagem bioquímica (GARCIA, 2001).

4.2 Roteiro das Entrevistas

Com a pauta da entrevista em áudio delimitada, a tarefa seguinte foi desenvolver o roteiro das perguntas a serem feitas aos entrevistados.

Para cada profissional de área específica (Medicina, Educação Física e Jornalismo) foram elaboradas perguntas diferentes, pertinentes ao seu campo de atuação e ao tema proposto.

Importante destacar que o objetivo das entrevistas do *podcast* foi conhecer as opiniões, as experiências e os esclarecimentos dos profissionais de Educação Física, Medicina e Jornalismo sobre as causas, os fatores, os perigos, as consequências nas competições esportivas que envolvem o uso de doping pelos atletas profissionais.

Ao entrevistado da área de medicina, Rodrigo Peixoto dos Santos, o roteiro da entrevista permeou os assuntos sobre as substâncias dopantes proibidas pela Agência Mundial de Antidoping; quais são as mais identificadas em exames antidopings; como funciona a contraprova e processo para informar o atleta e a entidade que ele representa.

Para o profissional de Educação Física Helton de Sá Souza foi perguntado sobre como um atleta de alto nível pode melhorar seu desempenho sem recorrer ao uso de doping; como o educador físico trabalha em competições que identificam atleta com doping; quais os casos mais famosos

de doping no esporte; quanto tempo demora para um atleta perder uma medalha porque comete um erro de doping.

Já em relação aos jornalistas aos entrevistados Bruno Reis e Virgílio Neto o roteiro da entrevista foi estruturado da seguinte maneira: você já cobriu algum caso de doping no esporte? Se sim. Como foi essa cobertura?; Você acredita que na cobertura sobre os casos de doping, os repórteres deixam de observar se o atleta já foi julgado pelo uso de substâncias proibidas ou mesmo se já esgotaram todas as instâncias na justiça desportiva; se o atleta foi suspenso previamente por suspeita de doping ou mesmo citado por algum órgão desportivo? Ou seja, os jornalistas se prendem apenas com aquele momento sem realizar uma reportagem realmente completa sobre o fato?; A cobertura realizada atualmente sobre casos de doping já considera o atleta como culpado? O enfoque acaba sendo a punição ao atleta, o por quê da utilização de substâncias proibidas ou mesmo quais as vantagens que o esportista tirou em termos de conquistas (títulos, medalhas etc.)?

E, por fim, as duas últimas perguntas aos jornalistas foram: A evolução do atleta começa a ser ligada ao doping, ou seja, a performance dele aumentou em pouco tempo e suas conquistas devem-se ao uso de substâncias químicas. Como o jornalista deve agir nesses casos que ainda estão sendo analisados?; Qual a importância da imprensa em procurar e selecionar pessoas que tenham experiência e formação para esclarecer a população sobre os métodos que realmente trazem benefícios e uma melhor qualidade de vida?

4.3 Edição, Divulgação e Produto final

Como apresentado, a ideia do *podcast* permitiu a realização de entrevistas com quatro profissionais de três áreas: educação física, medicina e jornalismo. Dessa forma, o *podcast* nomeado de “DespostCast” aborda no seu primeiro episódio as repercussões do doping no esporte nas três áreas citadas acima.

Para viabilizar essa entrevista de forma prática e ágil, inclusive respeitando o isolamento social demandado pela pandemia do covid-19, optou-se pela realização das entrevistas à distância, ocorrendo assim a gravação dos áudios por dispositivos móveis (aplicativo de celular) de cada participante, que após recebimento dos áudios com as perguntas do entrevistador encaminharam na sequência suas respostas.

Com os áudios separados, divididos com as perguntas do entrevistador e as respostas de cada entrevistado, o processo de edição demandou por integrar esses áudios cortados, corrigir determinados ruídos e acrescentar vinheta e efeitos sonoros complementares ao primeiro episódio. Como suporte de edição do *podcast* e de finalização do produto final, o trabalho científico contou com a ajuda de Matheus Souza, que é estagiário do UniFOA.

O *podcast* “DespostCast” foi hospedado no site anchor.fm que é uma plataforma gratuita que ajuda inclusive a distribuir o programa de áudio. A divulgação pública será realizada com mais intensidade posteriormente à aprovação do trabalho. Já alguns trechos da entrevista em áudio serão transmitidos durante a apresentação do trabalho científico para banca examinadora.

5. CONCLUSÃO

Os jornalistas devem estar atentos para tomarem os devidos cuidados ao noticiarem fatos relacionados com o uso de *doping* pelos atletas, pois há grande perigo de serem mal interpretados, de modo que a mera associação da droga com resultados positivos na carreira do atleta pode levar o público a crer que essa atividade ilícita é vantajosa e não provoca graves prejuízos à saúde.

A função social do jornalismo esportivo, acima de tudo, é de não promover uma divulgação incentivadora do *doping* e sim sobre a realidade dos fatos e dos efeitos danosos à saúde humana.

O caso de Lance Armstrong é um exemplo nesse sentido, no plano da saúde e das punições. O uso de substâncias dopantes pelo atleta durante anos foi razão para perder todos os títulos obtidos depois de 1998 e ser banido do ciclismo competitivo pela União Ciclista Internacional-UCI. Além disso, o atleta infelizmente e muito possivelmente em decorrência dessa prática acabou por descobrir um câncer nos testículos em estágio evolutivo, em que depois de um tempo veio a se espalhar pelo abdômen e cérebro, e com chances mínimas de sobrevivência.

A presente monografia apresentou como premissa básica que o uso de doping é uma atitude imoral e ilegal no esporte. E retratar os argumentos antidoping na cobertura jornalística é tarefa primordial para intensificar o combate ao uso de drogas pelos cidadãos e pelos atletas profissionais ou amadores.

Conforme estudos e pesquisas da medicina, o uso de *doping* gera reações adversas na saúde, causando muitas vezes efeito colateral não controlável e podendo, inclusive, levar à morte.

Por isso, os casos de uso do *doping* nos esportes demandam seriedade e atenção específica dos jornalistas por abranger uma série de fatores, que por vezes são polêmicos, como as acusações de especialistas por meio de evidências sem provas concretas, obscuridade dos julgamentos de algumas

federações ou mesmo por dificuldades em saber as versões de todas as pessoas envolvidas no caso.

Foi analisada na monografia a importância dos profissionais de jornalismo terem acesso e conhecerem outras áreas do saber quando estão lidando com a temática de doping no esporte, como os ramos da educação física, da fisiologia, da nutrição, da medicina, entre outras disciplinas que estejam correlacionados com o fato, pois, desse modo, o jornalista age com mais liberdade e segurança para aprofundar os assuntos ou reportar determinados desdobramentos do caso esportivo.

Nesse sentido, foi produzido o *podcast* intitulado “DespostCast” com participações de quatro profissionais (Rodrigo Peixoto dos Santos, Helton de Sá Souza, Bruno Reis e Virgílio Neto) pertencentes às três áreas distintas (Medicina, Educação Física e Jornalismo) que se apresentam suas opiniões e conclusões sobre doping no esporte.

O *podcast* proporcionou a exposição das opiniões e esclarecimentos dos profissionais a respeito dos riscos e das consequências sobre o uso do doping por atletas em competições esportivas.

De maneira alinhada com as entrevistas dos profissionais, conclui-se que em relação ao jornalista que está trabalhando com casos de doping no esporte recai sobre ele uma função social, que vai além da tarefa de informar os acontecimentos e versões do caso, sobretudo, é importante que esteja presente nas abordagens esportivas notícias sobre os riscos do *doping*, os efeitos colaterais e o perigo letal para a saúde dos atletas e dos cidadãos.

Ainda que a linguagem do jornalismo esportivo tenha como características a simplicidade e o discurso direto, essas particularidades não diminuem o dever de atenção e preparação do jornalista na busca por informações específicas sobre o *doping* e seus impactos, uma vez que o compromisso do profissional deve estar centrado na ética e na utilidade pública.

O *podcast* “DespostCast” ficará disponível para o público através da plataforma “anchor.fm”, que ajudará inclusive a distribuir o programa de áudio para outros aplicativos.

6 REFERÊNCIAS

BASILE, Juliano. **Adaptações do jornalismo em tempo de novas tecnologias.** Brasília, 2009. Disponível em <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4441/1/2009_JulianoBasile.pdf> Acesso em: 11 mar. 2020.

BENEDETI, Carina A. **A qualidade da informação jornalística: do conceito à prática.** Florianópolis: Insular, Série Jornalismo a Rigor, v. 2, 2009.

BORIN, João Paulo; GOMES, Antônio Carlos; LEITE, Gerson dos Santos. **Preparação Desportiva: Aspectos do controle da carga de treinamento nos jogos coletivos.** Revista da Educação Física/UEM. Maringá, 2007. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3321/2391>. Acesso em 05 out. 2020.

CARDOSO, João Augusto. **O doping no contexto do esporte moderno, da ética e do direito esportivo.** Revista Taunar. 2016. UNESP. Disponível em <http://revistaunar.com.br/juridica/wpcontent/uploads/2016/04/Doping_fls_1_31.pdf> Acesso em: 21 mai. 2020.

CARDOSO, Marcelo. **Jornalismo especializado em esportes:** Uma discussão para ampliar conceitos e autores. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo – SP, 2016. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/26283008-Jornalismo-especializado-em-esportes-uma-discussao-para-ampliar-conceitos-e-autores-1-marcelo-cardoso-2-universidade-anhembi-morumbi-sao-paulo-sp.html>>. Acesso em 20 jul. 2020.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no Jornalismo.** São Paulo: Contexto, 2008.

COSTA, Caio Túlio. **Ética, Jornalismo e nova mídia: uma moral provisória.** Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

DIEHL, Alessandra; CORDEIRO, Daniel; LARANJEIRA, Ronaldo, et. al.. **Tratamentos farmacológicos para dependência química: Da evidência científica à prática clínica.** Porto Alegre: Editora Artmed, 2010.

ESCANDE, Jean-Paul. **Nous sommes passés du dopage à l'expérimentation humaine.** Disponível em

<http://www.humanite.fr/journal/2003-07-01/2003-07-01-374933>. Acesso em: 21 mai. 2003.

Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte. São Paulo, 2007 p. 719.

DOUGLAS, Carlos Roberto. **Fisiologia aplicada à nutrição**. 2º edição. São Paulo: Grupo GEN, 2006.

GARCIA, Jorge. **Lance “Ícaro” Armstrong**. Jornal Ciclismo, 2001. Disponível em: <<http://jornalciclismo.com/?p=52679>>. Acesso em 04 out. 2020.

GOLDENBERG, Mirian. **A Arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HOHLFELDT, Antonio; VALLES, Rafael Rosinato. **Conceito e história do Jornalismo brasileiro na “Revista de Comunicação”**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

MALULY, Luciano Victor Barros. **O doping e a cobertura jornalística no Brasil**. Portal de Revista da USP. 2006. *Caligrama (São Paulo. Online)*. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1808-0820.cali.2006.64694> Acesso em: 15 jun. 2020.

MALULY, Luciano Victor Barros. **Divulgação científica no esporte: um debate sobre o doping e a imprensa no Brasil**. Secretaria da Educação do Estado do Paraná. 2005. Disponível em: <<http://www.quimica.seed.pr.gov.br/arquivos/File/doping/R0816-1.pdf>>. Acesso em 20 jul. 2020.

MOURA, Adelina; CARVALHO, Ana Amélia. Podcast: **Potencialidades na Educação**. Prisma.com. Revista de Ciências e Tecnologias de Informação e Comunicação, 2006. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/2112>. Acesso em 04 out. 2020.

NETO, Francisco Radler de Aquino. **O papel do atleta na sociedade e o controle de dopagem no esporte**. UFRJ, 2001. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/rbme/v7n4/v7n4a05.pdf>> Acesso em: 26 abr. 2020.

NERY, Mauro André. **A ideologia do doping**. Portal efdeportes.Revista Digital. Buenos aires 2009. Disponível em: < <https://www.efdeportes.com/efd130/a-ideologia-do-doping.htm>> Acesso em: 26 abr. 2020.

NETO, Virgilio. **Entrevista I para o podcast Despotcast**. [Out. 2020]. Entrevistador: Arthur Machado de Almeida. Volta Redonda, 2020. 1 arquivo .mp3 (14min.)

OLIVEIRA, Gisele Pimenta de. **Cobertura Esportiva: Jornalismo de Entretenimento ou para o Entretenimento**. Intercom. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 8 a 10 de junho de 2011. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/R33-0729-1.pdf>>. Acesso em 14 jun. 2020

PANISA, Aline Fernandes; et al DORIGON, Alessandro. **A lei antidoping e os direitos fundamentais do atleta**. Disponível em < <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-constitucional/a-lei-antidoping-e-os-direitos-fundamentais-do-atleta/> > Acesso em: 15 mai. 2020.

PENA, Felipe (organizador). **1000 perguntas sobre jornalismo**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

PEREIRA FONSECA, Izabela. **Redes Sociais e Jornalismo Esportivo: análise do uso dessas ferramentas em transmissões ao vivo de rádio e TV**. Juiz de Fora, 2014. Disponível em < <http://www.ufjf.br/facom/files/2013/11/Redes-Sociais-e-Jorn-Esportivo-IzabelaPereiraFonseca.pdf> > Acesso em: 15 jun. 2020.

REIS, Bruno. **Entrevista III para o podcast Despotcast**. [Out. 2020]. Entrevistador: Arthur Machado de Almeida. Volta Redonda, 2020. 1 arquivo .mp3 (14min.)

RIBEIRO, Alba Christina Araújo da Costa. **Uma discussão sobre questões morais na produção científica e em sua cobertura jornalística**. Curso de Pós-Graduação "Latu Sensu" - MBA em Gestão de Comunicação, da Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe. Jornalismo Científico, 2006. Disponível em: <http://www.jornalismocientifico.com.br/revista/05/artigos/artigo_alba-araujo.pdf>. Acesso em: 04 mai. 2020.

RIBEIRO, Alvaro; PUGA, Alberto. **Código mundial antidoping: ética e flair play no esporte olímpico**. Buenos Aires, 2004. Disponível em <<https://www.efdeportes.com/efd72/antidop.htm>> Acesso em: 15 jun. 2020.

ROXO, Marco Antonio; MELO, Seane. **Hiperjornalismo: uma visada sobre fake news a partir da autoridade jornalística**. Revista Famecos, Porto Alegre, v. 25, n. 3, p. 1-19, setembro, outubro, novembro e dezembro de 2018: ID30572. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2018.3.30572>>. Acesso em: 20 jul 2020.

SANTOS, Rodrigo Peixoto dos. **Entrevista I para o podcast Despotcast**. [Out. 2020]. Entrevistador: Arthur Machado de Almeida. Volta Redonda, 2020. 1 arquivo .mp3 (14min.)

SINGER, Peter. **Ética Prática** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história breve do Jornalismo no Ocidente**. Universidade Fernando Pessoa. Biblioteca online de Ciências da Comunicação. 2015. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>> Acesso em: 15 jun. 2020.

SOUZA, Helton de Sá. **Entrevista II para o podcast Despotcast**. [Out. 2020]. Entrevistador: Arthur Machado de Almeida. Volta Redonda, 2020. 1 arquivo .mp3 (14min.)

TAVARES, Otavio. **Doping: argumentos em discussão**. Porto Alegre, 2002. Disponível em < <file:///C:/Users/cce/Downloads/2636-9315-1-PB.pdf> > Acesso em: 15 jun. 2020.